

# O IMPARCIAL

SEMANARIO INDEPENDENTE

ANNO I

Florianopolis, — 26 de Setembro de 1916. — Santa Catharina

NUMERO 22

## Dr. José Boiteux

Do nosso distincto patricio Sr. Dr. José Arthur Boiteux, que, com extraordinario brilho, ora representa o Estado de Santa Catharina no Congresso de Geographia, reunido na Bahia, recebemos delicado cartão em que nos agradece a noticia publicada pel' «O Imparcial» a respeito do seu embarque para aquella cidade.

Sabemos que S. S. regressará breve a Florianopolis, onde será recebido com especial carinho.

Nessa occasião, amigos e admiradores lhe offerecerão um bello brinde, que se acha exposto na vitrine da relojoaria Dornbusch, como prova de gratidão pelos inestimaveis serviços que s. s. tem prestado á terra natal.

«O Imparcial», que reconhece no Sr. Dr. José Boiteux um dos mais illustres conterraneos, se associará, com prazer, ás homenagens que lhe serão prestados.

## PUGILATO

Quarta-feira ultima, á rua Republica, occorreu uma scena de pugilato entre os srs. Amadeu Luz, ex-promotor publico da Pahlhoça, e Santelmo Corumbà, redactor-secretario d'«O Estado», motivada por uma noticia inserida na edição do dia anterior d'aquelle jornal.

Bengaladas, soccos, lucta romana, em summa: um espectáculo completo, ao ar livre e, o que é melhor, gratis.

E por ser um espectáculo que não offendia a moral, a policia alli não compareceu.

## PINGUIM!

Em noites invernosas, sombrias, nevoentas  
Eu ouço-te a gemer, oh! pinguim errante,  
Qual solitario nauta, em noites de tormentas,  
Perdido sobre o mar. sem rumo, vacillante.

Oh! passaro exquisito, perdido viajante,  
Dizei-me, porque a vida assim triste lamentas?!  
Talvez tenhas saudades do ninho que, distante,  
Ficou nos comoros nùs das praias alvacentas.

Vens de plagas longinquas e aqui sobre estas aguas  
Tu choras sem cessar as tuas duras maguas,  
Sem encontrar jamais o doce lenitivo.

Lastimo a tua sorte, mas ai tambem de mim,  
Que á magua e á saudade jamais posso dar fim  
E triste como tu, tambem chorando vivo!...

Cannasvieiras, Agosto 1916.

Geraldino Azevedo.

## A LUZ

Temos sobre nossa mesa de trabalho o primniro numero do bem redigido quinzenario «A Luz» orgão da Federação Espirita de Florianopolis.

A' novel collega «O Imparcial» deseja felicidade e longa vida.

### ESPIRITOS MAOS

(Numa aula de adultos.)

Professor: — Tendes a bravura precisa para enfrentardes o inimigo?

Alunos: — Sim, nada tememos nem mesmo a morte.

Eis que uma porta estremece. Todos para ella se volvem e no-

vos empurrões a fazem estreme- cer mais violentamente.

E, o como os pombas de Ray- mundo Corrêa, da «casa assc- mbrada» fugiu um alumno, outro e outros os seguiram, ficando alli somente o professor rodeado de tres ou quatro mais animosos.

Continuando os empurrões na porta, um dos bravos, um rapaz louro como filho da Germania, adianta-se, abre-a e grita: «Ve- nha quem ali està.»

Silencio completo.

Um *ratão*, passou-lhe perto, met- tendo-se num buraco proximo.

«Maldito rato!» exclamam to- dos, «roeste a coragem dos nos- sos companheiros».

## Derrocada dum lar

Bellíssima se mostrava a grande Natureza!

Estamos num desses dias alegres da estação primaveril, por uma Primavera dessas de sorrisos e de fulgores.

Como ha que admirar na Obra do Creador!...

Por aquelles dias, nos jardins, as flôres, em viço, pareciam sorrir ante tanto jubilo e tanta belleza! As borboletas, no seu constante esvoaçar, beijavam, ôra uma rosa que se pendesse por entre as verdes folhasinhas, ôra uma saudade a baloiçar-se dum para o outro lado, como si a dançar ao som dos cantares da passada alegre...

Felizes sêres—diria o poeta—esses que habitam os mattagaes, onde o orvalho das manhãs sorridentes os vem suavisar com o seu frescôr!... Felizes sêres—tornaria—esses cuja vida limita-se a cortar o espaço no seu vôo incessante e a cantar os harmoniosos hymnos de glorias á Deusa Natur!...

E, na verdade, dias desses, que tenham como guias encantos da formosa Primavera, merecem desses hymnos suavissimos e desses canticos de galhardia.

Até mesmo nos riachos que, dentre o verdôr dos arbustos, como que rompiam os cerrados espinhaes e as espessas samambaias, havia um quer que fosse de prazer...

Os arvoredos, sacudidos ligeiramente pela aragem do Norte, despegavam, constantemente, ás camadas, innumeradas folhasinhas amarellecidas pelo tempo. E, com fazel-o, parecia orgulhavam-se de terem-n'as espalhado pelo chão e, com ellas, embellezando as aguas mansas dalgum lago que por alli houvesse.

O céu era um manto azul-claro muito extenso, onde corriam, vagorosamente, bellissimas nuvens transparentes e onde o sòl, no seu

brilho magestoso, exercia o seu reinado celeste...

Entretanto devemos abandonar, por indescriveis, as bellezas dessa Primavera; passemos, então, a descrever o que se passava, em grande contraste com essas bellezas, naquelle modesto lar, onde parece não haver fulgores nem esplendores.

Fôra feliz, outr'ora, aquella mansão... Emtanto, hoje, á falta do chefe, aquella familia estava unicamente reduzida a duas pessoas—mãe e filha,—mãe já experiente dos desgostos da vida e, como tal, envelhecida já; filha em pleno desabrochar da existencia, dum existencia tambem já bastante dilacerada. E não era feliz.

A menina, que era—como se costuma dizer—um pedaço do coração da mãe, estava então atirada ao leito por uma molestia grave.

Commovida pelo falta de recursos daquella pobre mãe viuva, uma visinha tomou a missão de ir á procura dum médico.

E naquella tarde mesmo, o "doutor" foi visitar a doente. Contemplou-a longamente, escutou-lhe todos os órgãos, palpou-a e o seu semblante pareceu revelar desanimo.

A pobre mãe, que seria capaz de dar a sua vida pela de sua filha, —unica lembrança que existia do espôso muito amado, —acompanhava todos os olhares do medico, todos os seus gestos, todos os seus movimentos, sem que sua mente imaginasse ao menos uma fatalidade.

Mas o medico, após o exame, pareceu hesitar em lhe dizer algo sobre a doentinha. E a desditosa mulher previu uma desgraça para a sua felicidade, além de todo aquelle soffrêr, além de toda aquella ruina.

E, em voz de sùpplica interrogou ao medico, acêrca daquelle mysterio.

Dr. seja-me franco. Ha nesta molestia alguma gravidade?

O homem, empallidando, mostrou-se mais impressionado a esta pergunta. A principio pareceu-lhe de devêr seu occultar a verdade áquella mulher que, certamente, si a soubesse, succumbiria. Mas logo pensou em como isso que lhe parecia uma nobreza iria causar maior choque áquelle coração, quando essa verdade chegasse a vir á luz. E, num impeto de coragem, tudo revelou.

—Senhora, — disse; è com profundo sentimento n'alma que vol-o confesso, conforme m'opepe: a doente não resistirá á molestia.

O pranto expandiu-se; abraçada á filhinha querida, beijando-a muito, muito, aquella mãe nem estendeu a mão ao medico, que se despedia...

... E quando ao amanhecer do dia seguinte os gallos, com seus cantos, saudavam a aurora primaveril, eis que o momento supremo chega... A pequenina, abafando os gemidos e dirigindo o olhar annuveado para sua mãe, abriu a boquinha e deixou escapar a ultima palavra:

—Mamãe!...

E logo após, a alminha, envolta no branco manto da verdade livre da cadeia da vida,—o corpo,—subia, subia muito, além, aonde pairam a luz e a Felicidade, levada por muitas outras, ao som harmonioso e deslumbrador das trombetas anjelicadas!.. Sim; que alminhas destas, que se vêm á Terra para soffrer dessas dôres, têm dessas recepções nas regiões d'além tumulo...

E, enquanto tal succedia, o corpinho esguio e pallido, frio e inerte, baixava á sepultura, coberto de flôres e de lagrimas.

Morrêra,—dirse-hia; mas não; ella vivia, contemplando o mundo com certo pejo, nas Alturas, nas regiões de Felicidades a que chamamos—Cèos!

Gustavo NEVES

# O MAR

Um quadro sublime, uma scena magestosa que absorve os nossos olhares perscrutadores fazendo como que engolfarem-se na amplidão da sua magnificencia, nol-o offerece o mar. Synthetisemos agora quantos discernimentos nos insinúa a vista d'esta varzea azulada, d'esta planicie incommensuravel que se nos é dado contemplar e ante a qual permanecemos horas inteiras, extaticos, observando aquellas paisagens encantadoras, meditando no matiz d'aquelles painéis primorosos que o Creador nos coloriu e que entram na copia dos luxuosos ornatos que enriquecem a natura.

Haverá porventura um espectáculo mais attraente, uma decoraçào mais subtil, um deleite mais ameno do que a apparencia do mar em seus momentos de bonanças?

Divisamos ao longe as pequeninas embarcações a véla e a vapor, cingrando-o em todas as direcções, acoutando as placidas aguas com as suas monotonas helices, saltando na espuma que as doces vagas desprendem por sobre o lenho ousado do barqueiro; descortinamos alvas praias recamadas com myriades de bellas conchinhas que aformoseam em toda a sua vastidão; presenciamos as meigas lymphas borrifando docemente o scintillante areal; ouvimos os threnos maviosos das aves que se vão casar com as blandisonas cantigas dos barqueiros.

O mar quando sereno é todo enleio e doçura e enleva-nos a vista mergulhando a no seu ambiente purificado, fazendo respirar-mos um ar sadio e puro embalado por uma leve e jucunda brisa.

Ponderei, nas toscas linhas acima, humildes conceitos no tocante ás bellezas das plagas oceanicas; agora, data venia, vou expandir algumas considerações sobre as suas riquezas. O mar possui riquezas inexauriveis, ciansúra no seu amplissimo seio divicias inauditas, thesouros fabulosos, que reponsam no fundo pélago, abandonados á immensidade das argenteas aguas, mas o salso leite sempre ufano ergue a fronte augusta com o seu diadema rematado de perolas e rubis.

O tempo passa e com elle tremalham-se povos e nações, mas o pégo é immutavel e a sua potestade impera desembaraçada de élos

que lhe agrilhoem o imperio, que desdorem a sua fama, que deslustrem as suas glorias e conquistas, deixando-o perennemente livre e independente a implantar o seu dominio, a evidenciar a sua prepotencia perante o Universo.

Discorri sobre as bellezas e riquezas das regiões de Neptuno, reflectamos agora alguns instantes quanto aos perigos que nos expõe este regio manto cujas garras enlaçam o nosso orbe. Estes riscos são occasionados pelas tempestades que de tempos em tempos vêm manifestar a sua energia, exhibir a sua actividade com as suas hiantes fauces sedentas de destruição.

Os primeiros indicios da tormenta se fazem antever no horizonte, o astro rei começa a embruscar-se, o céu se tolda com espessas nuvens, ligeiras aragens vêm encrespar as quedas aguas, as aves irrequietas ululam no espaço modulando nenias sentimentaes que algo de anormal vêm presagiar, os raios zig-zagueiam no espaço, os trovões ribombam horripveis no infinito, o vendavel ruge ensurdecedor e as ondas taciturnas de minutos atraz vão quebrar-se encapelladas de encontro ás ingremes penedias de granito. As embarcações surprehendidas pela procella pesquizam uma guarida, procuram o esquivar-se á furia do tempo que tudo ameaça tragar.

Os pescadores agglomeram-se á praia contemplando o horrido quadro que se lhes apresenta. Um dos batéis já impotente para vencer a impetuosidade do vortice some-se ás vezes no negror da bruma mas os seus tripulantes se bem que exhaustos não perdem o animo e supplicam constrictos o adjutorio dos Céos. Após um labutar insano, eil-os a salvamento, atirados á praia, semimortos, recebendo as meiguices das esposas queridas e os aflagos dos petizes idolatrados. As tempestades persistem horas e até dias e durante esta delonga o mar continua revolto, esbravejando contra os alcantilados penedos, desarvorando embarcações, occasionando naufragios, ceifando vidas, emfim, commettendo crueis depredações.

Mas afinal, eil-o cansado, serenando aos poucos, as bastas nuvens que envolvem as regiões do Olympo se vão esvaecendo, o vento amaina e no firmamento reaparece Phebo com seus aureos resplendores, a rainha da noite tambem volta a aclarar-nos lá do Empyrreo, reclinada no seu excelso throno, ladeada por ful-

gurantes luzeiros. O mar no apogeu da sua gloria, no zenith do seu poderio e no auge da sua sumptuosidade ontorga-nos dilatadas lédicas que calam bem alto no nosso eu.

Estes prazeres gozamos quando à beira-mar ouvimos o marulhar, deleitav-l das ternas ondas que nos vêm mellifluamente oscular; ao escutar-mos o chiberear jubiloso das candidas gaivotas, os arrulhos das pombas; ao entendermos as melodiosas trovas dos barqueiros que nos seus batéis passam joviaes, contentes com a sorte; quando em os dias cálidos nos refrescamos nas suas doiradas aguas, finalmente prazeres multiplos que amenizam os nossos pedecimentos, voluptuosidades que regozijam a nossa existencia tornando-a ridente e doce em todos os seus travites, contemporizando as horas arduas, os momentos tempestuosos do nosso ser.

Salve! altivo Oceano, genio do poder, soberano manto do globo—Salve!

Florianopolis, 1 de Setembro de 1916.

Celso d'Almeida

## Impressões de uma noite

Ao João Noronha

O homem,— qual gigante de uma lenda de éras medievas,— deita-se, prompto para dormir, para repouso no goso de uma morbidez apeteçivel que, como fluidos extranhos, o vae transportando ao estado do Inconsciente que dá substancia ao corpo,— instrumento productivo,— quando lhe chega aos ouvidos um barulhar quasi imperceptivel quebrando a monotonia de uma noite em começo:—é a chuva que lá fóra tamborilla num cadenciar bizarro, num rythmo fanfarrão, que pouco a pouco começa por se accentuar com mais intensidade, com mais gravidade, até que elle vê perpassar pela fresta dajanella, de quando em quando, um clarão ao mesmo tempo que um estampido estrondo no espaço como se fosse uma artilharia em acção, metralhando

o inimigo no deserto inhospito e longiquo das tribus lybianas:— é o trovão que corisqueia zombando da humanidade práva e das coisas abjectas.

Casa-se o pavor da noite com o scismar tecnico do homem que quer elucidar, descortinar o mysterio, a força, o ultra-impossível que o detem, e elle—o homem—manomaniaco, por fim, no aborrimto de transpor as barreiras que se lhe sugere para lenetrar nos sem-fins do poder Absoluto, onde o cerebro humano se atrophia em confusões, verga torce suas faculdades a outros terrenos onde as scenas lhe são admissiveis.

E a noite,—que lhe parece sem termo,—na sua moleza tetrica de uma tristeza cathargiana demanda em busca da aurora que freme por fulgir, como um dia dema custoso de um thesouro de rajah.

O relógio, postado á cabeceira, a par com a noite, parece que seus ponteiros não caminham e Ella, como um caustico verrioso vae delapidando, num acabrunhamento ferino, a perfeição de uma vida neste Orbe onde o goso é uma perfunctoridade que contudo, o traz ancioso, que o prende, ao triclinio da phantasia.

E enquanto a tempestade continua ribombando como um protesto contra tudo que é sacrilego, fragorosamente, o homem como um ser automato, deitado, pensa,—tendo o cerebro numa concentração diabolica por querer elucidar scenas intimas á sua imaginação que fere voos longos em longas plagas, no inhabitavel.

E a chuva tamborilla, e tamborillando continua...

Nelson D ALMEIDA



## Pela Moral

Segundo nos informam os jornaes do Rio, acaba de se exhibir no Theatro Municipal, sendo muito applaudido, Izidora Duncan, dançarina, tendo unica e sobre a nudez do seu corpo uma simples gaze!!!

Essa nova vem demonstrar que não é somente Paris a terra onde a immoralidade campeia desbragadamente.

Vemos hoje transformado completamente, nosso Theatro, jogados para o lado os dramas instructivos e comedias cheias de leves gracejos, substituidas pelas revistas e operetas repletas de ditos venenosos, escriptas por gente sem escrupulos que entendem que para fazer rir é necessario empregar termos indecentes; a prostituição ganhar terreno dia a dia desenvolvendo-se assombrosamente, sem que se procure pôr obstaculos á sua marcha; crianças são tiradas do lar abençoado e atiradas no lodaçal immundo da prostituição, cujos malfeitos não têm encontrado a severidade necessaria da Justiça

D'hi desse antro tem surgido o mais terrível de todos os males, que tem roubado a nossa Patria grande parte seus jovens filhos:—a syphilis.

Urge dar combate decisivo aos inimigos da Moral, que procuram encaminhar o nosso povo na senda trilhada pelo povo de Sodoma e Gommorrah.

A's nossas autoridades compete exercer toda a pressão de energias sobre as mulheres e os homens (!) de vida desregrada; evitar a permanencia de crianças nestes antros de perdição e miseria; evitar as exhibições de peças theatraes e litas cinematographicas cujo enredo affecte os saos principios da moral; fazer carga cerrada contra o castismo, etc. etc.

Assim ellas procedendo, estaremos isentos de ver d'aqui a poucos annos a nossa patria na rota seguida pela patria de Victor Hugo.

A moral tem sido apedrejada, descatada impietosamente, e convem citarmos que os mais desrespeitados, os maiores inimigos, têm sabido das altas camadas sociaes, onde o ouro, com todo o seu poderio tem sido o rotulo das maiores e mais vergonhosas traficancias...

Si hontem era o potentado a comprar com o rico metal sonante a honra immaculada da donzella, hoje é o mesmo potentado que tendo a plena convicção de ser victima do mais nefando e vergonhoso adulte-

## Adeus!

(retribuição ao talentoso Gustavo Neves)

Adeus! infancia que tão longe vais.  
Adeus! ó tempo que a fugi sahiste!  
Adeus! ó só que não veres jamais,  
Adeus! ó vida... que a vóar partist!

Adeus! ó meigo sabiá vaidoso,  
Adeus! ó mundo d'illusões celestes!  
Adeus! ó noite de luar formoso,  
Adeus! ó doces vastidões agrestes...

Adeus! ó dias d'essa infancia minha,  
Adeus! ó casta inspiração d'outr'ora...  
Adeus! ao mar que soluçando vinha,  
Adeus! ó vida que te foste embora!

João G. Melchíades de Souza

## Uma entrevista no Ceu

(Campo-amor)

Em Londres recebi, banhado em pranto,  
A carta em que me supplicas,  
(triste:  
"Olha a estrella que nós olhámos tanto  
Na noite em que partiste..."

E, no dia seguinte, ingenuamente,  
Noutra carta gentil me vens cantar:  
"Olhando a estrella o meu olhar ar-  
(dente  
Uniu ao teu olhar..."

Mas, ó querida, que illusão!...N'aquella  
Noite—que insana magna me affligia!  
Não pude ver a nossa linda estrella  
Porque em Londres chovia!...

Archimimo Lapagesse

rio, onde a esposa demonstra claramente a sua infidelidade, que, para não provocar escandalo na sociedade, soffre calmamente a sua dôr; e amanhã si a moral continuar a viver desprezada, sem o verdadeiro e necessario culto, veremos a desorganisação de lares, a desvalorisação da lei matrimonial e a marcha para a decadencia de uma nacionalidade nobre.

Urge guerrear os inimigos da moral e evitar o seu contacto com os bons, para que não tenhamos a lastimar resultados perniciosos e fataes consequencias.

Ildefonso Juvenal.